

A VELHA GUARDA



ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

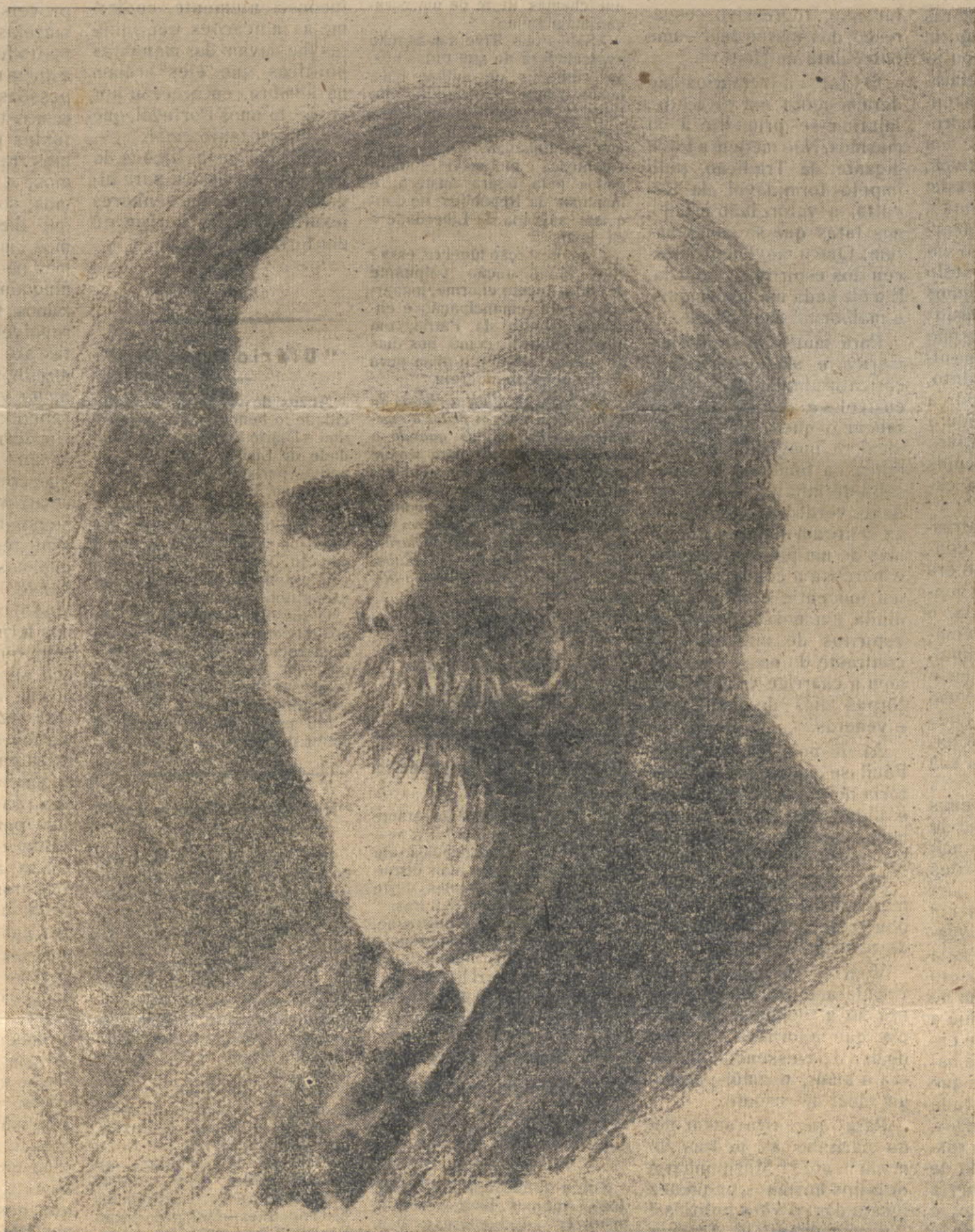
DIRECTOR:

Alcindo Dias Pereira

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — FAFE

HOMENAGEM DOS REPUBLICANOS VIMARANENSES



Dr. António José d'Almeida

(Carvão do Artista Vimaranense, Ex.º Sr. José de Pina)

:: No 30.º dia da morte ::

BILHETES-POSTAIS

1 DE DEZEMBRO DE 1640

Us que quando...

do Dr. António José d'Almeida

Meu velho Camarada:

Escrevo-te sôb uma impressão formidável em que os meus nervos vibram com intensidade tal, que me recordam aquelas horas de grandiosidade trágica que vivemos entre o deflagrar das granadas alemãs, e recordas-te? Venho de acompanhar ao campo da Igualdade—a verdadeira «Terra de Ninguém» porque, sendo de todos, ali se reduzem ao mesmo pó comum as categorias sociais onde a maior grandeza é *ninguém*—um dos nossos gloriosos companheiros de ideias—que digo eu?—a mais excelsa e amada figura de quantos trabalharam pela Democracia, arrancando do próprio sacrifício a máxima energia para a incessante luta. Já sabes de quem falo. António José de Almeida desceu enfim ao sono eterno, após a vigília infatigável de mais de meio século, sentinela firme de uma causa generosa irradiando em chamas de fé de um coração magnânimo.

¿Sabes tu? Tive a sensação avassaladora de que todos nós, as centenas de milhar que iam tributar ao caudilho glorioso a derradeira homenagem não seguíamos um morto, mas que caminhávamos, em massa gigantesca e indomável, comandados pela figura áustera e luminosa da República, na conquista sagrada da Liberdade e da Justiça.

¿Manifestação fúnebre, essa? Não. Manifestação palpitante de vida, anseio enorme, incoercível pela emancipação e engrandecimento da Pátria, em que palpitava, como nos dias de maior triunfo, a alma pura do eminente democrata.

Em todos os olhos a chama da crença. Em todos os peitos a esperança inabalável. E quando o ataúde desapareceu para sempre à nossa vista, sentimos todos que ele era vazio, porque dele se levantara, em proporções gigantescas, o Chefe querido para em voz forte, como se fora toque de clarim, nos bradar, fremente:—«Rapazes! Unir fileiras! Viva a República!»

Lisbôa, 2 de Nov.

Teu Camarada e amigo,

João Granada.

Sociedade M. Sarmiento

E' hoje que nesta prestante colectividade se realisa a sessão solene da distribuição de prémios aos alunos mais distintos das diversas escolas, dêste concelho, pelas 11 1/2 horas.

Dada a importância da sessão, de esperar é que ela revista o brilhantismo dos anos anteriores e seja concorridíssima.

Agradecemos a gentilêsa do convite.

Este número foi visado

pela Comissão de Censura

"A Lanterna"

Sob a direcção do Ex.º Sr. João Antunes Braz, acaba de aparecer «A Lanterna», bem apresentado jornal republicano de Lisboa. E' um defensor esforçado do regimen e vibra como a alma do Povo de que é arauto. Colaboração escolhida, ótima impressão e boas fotografuras.

Os desejos de mil venturas, são os nossos votos.

Esta data representa para nós, o vigoroso despertar da consciência nacional, por sessenta anos quasi adormecida, sôbre a catastrophe, sem precedentes, de 1578, na planície marroquina de Alcacer-Kibir, sepulcro do velho Portugal.

Em Alcacer-Kibir, Portugal tinha deixado com um rei aventureiro e visionário, a independência, as conquistas do seu genio, o esplendor das suas heroicas jornadas maritimas, o seu exercito e a sua esperança das alvoradas vindouras.

D. Sebastião, tendo sido educado por jesuitas, afeiçoado a Filipe II rei de Hespanha, o sombrio môcho do Escorial, como alguém lhe chamou, e procedendo, inconscientemente, conforme as indicações, que aquêles lhe davam das manobras politicas que êles urdiam na sombra, encarcerou por sessenta anos Portugal, que êle julgou tanto amar.

Há! que se as lições do passado servissem para alguma coisa, êstes senhores jesuitas, jámais poriam pé em terra portugueza.

Dreyfus.

"Diário Popular"

Acaba de vêr a luz da publicação o bem redigido vespertino «Diário Popular», da cidade de Lisboa. Dirigido pelo antigo parlamentar e velho republicano, Ex.º Sr. Dr. Celorico Gil, a sua politica será a da República, procurando unir todos os republicanos que teem andado desunidos. E' também um grande jornal de informação e noticioso.

O seu aspecto não deve nada aos dos outros grandes diários, e, merece, por isso, que substitua os órgãos das grandes empresas financeiras na leitura que devemos fazer.

Mil prosperidades é o nosso maior desejo.

"Revista de Guimarães"

Esta interessante revista, publicação da Sociedade Martins Sarmiento, acaba de ser distribuída com os N.ºs 1-2 do volume XXXIX, referente ao 1.º trimestre. Traz variada colaboração de distintos escritores, entre a qual se destaca a Correspondência entre Emídio Hübner e Martins Sarmiento; Museus, Galerias e Coleções, de Pedro Vitorino; Museu de Martins Sarmiento, de R. de Serpa Pinto; As armas de Guimarães, de Afonso de Dornelas; Cancioneiro de S. Simão de Novais, de Fernando Pires de Lima; S. Gualter de Guimarães, ensaio biográfico de P.º Aloísio Tomás Gonçalves; Curiosidades de Guimarães—Maltas de Salteadores (Uma quadilha de nomeada), de Alberto Vieira Braga; e a Pedra Formosa, de Mário Cardoso.

Propagai

"A Velha Guarda"

Em todo o homem raro, e grande, como o Dr. António José d'Almeida, idolo do Povo, ao Povo sacrificado, há o sublime e o pitoresco—o feitiço bizarro mais vinca, na memória dos coevos, o génio ardente que lhes alteou e calcinou a vida. Esta passa em elevadas oscilações termométricas. Seu estado normal é febril. O impulso nervoso—sua formidável serenidade. Sua força—a fraqueza do coração. Inteligência,ado sentimento. O génio do coração.

Nas rajadas fogosas do tribuno singular—a voz em marcha guerreira, com dôces, melodiosas penumbras de misticismo—estrupita, como na fumegante nebulosidade das grandes cataratas de água pura, um torrenioso ideal, apaixonado, fremente, parecendo-nos, em estonteamentos sugestivos, distante e vago—e assim mais terno, mais desejado, mais querido—ao abraçar-se enamoradamente no infinito. A alma do Apóstolo dinamiza-se nos extremos do fanatismo audaz e surdo: é que a vida contingente não existe deante a enormidade do Sonho Absoluto, verdade suprema, justiça perfeita, irmandade segura de coração, o Homem Livre do escravo encadeado, cujas partidas algemas ainda espirram fogo e sangue.

Não houve ainda contraste maior que o dêste convicto intransigente, que era da mais cristianíssima bondade. A sua tolerancia, o seu respeito pelos adversários, a sua superior compaixão pelos desvários e mesquinhices era tamanha como a sua fé inabalável, a rígida austeridade do seu character, a perfeita harmonia da sua vida.

No seu espirito apenas se moviam tempestades de ideias; o seu coração não conheceu senão as paixões violentas.

O Povo, no sentido em que esta plebeia designação, da melhor ascendência e estirpe nobilíssima, era empregada pelo comum no tempo em que êle definiu a sua orientação, deixa-se enlevar pelo «coração que bate» e apela «inteligência que sofre e anseia», como o rude operário que, aos domingos, numa volta de caminho rústico, do beijo quebrado da namorada virgem, se liberta a quanto de mais alto, e suave, e docemente bom, e invejavelmente deleitoso a sua fantasia sonhara, vergastada pela chuva, fome, adversidade, como impossível talvez de realizar-se em bôca torcida de revolta, noite debilitada na choça,

vontade desfeita na impassível tirania do tempo e da sorte. Não, e sempre, sem que do coração donde lhe brota o sonho, antecipadamente os efluvios da simpatia e de fé o não hajam conquistado na certêza da mesma fé imperecível.

Romântico? Como todos os génios que ousaram conceber uma humanidade mais perfeita. Romântico! Não lhe cabe na sepultura o epítáfio. Não.

Esse romântismo foi na verdade tão positivo, como infelizmente, hoje, é negavel a estricção positivacão do ideal—moeda e tirania, tacanho, regressivo, esgarêscico, dos nossos dias—uma entre-data na História.

Os raros adversários que deram agóra em alvejá-lo, injuriam-se primeiro a si mesmos. Não medem a força gigante da Tradição, pelo ímpelo formidável da Revolta, o valôr, lado a lado, nas lutas que se empenham. Que o movimento desceu dos espiritos à calçada. E a êle cada um deu se quis, o melhor de suas forças.

Para muitos, a figura homérica e shakesperiana é caricaturalmente incompreensível—é que êsses não sabem o que é ter sêde de ideal, e imaginação, esperança na bondade, sobresalto de infinito, desejo ardente verdo no melhor. Nunca sentiram quanto as lágrimas de um pobre amargura, e paralisa a condenação de um inocente, e faz delirar, ainda em nosso tempo, em espiritos de mocidade, o contraste do nosso passado com a charrice vil dos mais tórpes dias de balofismo e veneras.

Aí de nós, os vencidos! Fácil se escreverá na História de nossa Ingenuidade, e alguns de entre os réus mais culpados erguerão contra nós o nome de Traição.

Mas veio ainda á feira—mercantil e modorrenta um pouco de nobresa moral e de resurgimento.

Vencido de novo a outra vez claramente venceu. Não era só a roupagem tribunicia que adornava o verbo do orador—essencialmente, era o amôr, o amôr-paixão, um ideal de resgate.

Para que atravancar-lhe no caminho as pedras do monumento?! Mesquinharia de ódios humanos, pequenez ignara das paixões politicas! Ao movimento a Antonio José d'Almeida vão todos os corações dos velhos republicanos. E a êsses nem a morte os estorva no caminho!

Eduardo d'Almeida.

Não há ódios que nos obcequem o entendimento, não há más vontades que nos obscureçam o espirito, nem há inemidades que nos ceguem a ponto de calcar-mos dentro do peito o desgosto que sentimos, ao termos de tocar assuntos que, com franqueza o dizemos, nos magoam profundamente.

Levam-nos porém a isso o proceder incorrecto, baixo e infame que para connosco têm tido, e depois ainda se queixam de que somos uns más linguas, uns perversos, uns... trantantes.

Nem somos más linguas, porque só dizemos a verdade, e ainda não dizemos toda a verdade; não somos preversos porque calamos mazelas que feririam fundo, muito fundo mesmo, aquêles a quem nos dirigimos e ainda pessoas em quem não queremos tocar; não somos trantantes porque não praticamos tratantadas. O que somos, e disso nos orgulhamos, somos verdadeiros no que dizemos, não espalhamos intrugices; ferimos, mas não ferimos a honra de ninguém, ferimos e procuramos ferir até ao âmago, revolver as chagas purulentas até ao são, dos imbecis orgulhosos, que estriba os numa vaidade sonsa, numa sabedoria ignara, num poderio icárico, nos atacam, sempre indirectamente, porque, covardes como são, não se atrevem a apresentarem-se-nos frente a frente, e derimir connosco as culpas que nos imputam; que, sabendo ausente um amigo nosso, o procuram ferir para nos ferir a nós, e porque sabem que no infortúnio e n que se encontra, não pôde desde já defrontar-se com essa réz proterva, êsse covardola embusteiro, que tudo calca para se mostrar grande sábio, poderoso; quando não passa dum insidioso, dum parvo, dum réles farfalhão.

São assim aquêles que procuram magoar-nos, são assim os que ferem os nossos amigos para nos tocar, pois sabem que sofremos quando vimos sofrêr um amigo, que se não pôde defender; que sentimos como nossos os males dos nossos amigos; que as dôres dêles são as nossas dôres, os seus infortúnios são os nossos infortúnios, por isso nos atacam, magoam e ferem. Porém, tem s do nosso lado o Direito, a Razão e a Justiça, que nos hão-de dar o que nos pertence.

Confia mos plenamente nas Leis que respeitamos e a que obedecemos, mas enquanto esta Trilogia se não pronuncia, iremos gritando: Até quando... Oh!... asquerosa réz!

RESPOSTAS À LETRA

Meu caro estroina. Do coração te desejo que, na companhia de tua esposa Saphira, continúes gosando a bela *temperatura* que S. Pedro te proporcionou por lhe teres pregado aquelle tremendo «palão» que o fêz ir ás núvens, quando annunciaste, aos quatro ventos, que te havias convertido ao cristianismo.

Respondendo de seguida á tua carta, agradeço o interesse que vens demonstrando pela minha saúde, dada a circunstância de teres ouvido os uivos de certo gôso que, de tão altos, se fizeram éco lá nessas profundas do Inferno. Julgaste chegada a minha hora derradeira e pensaste na minha ida a caminho dêsse horrível «caldeirão» que é o flagelo das gentes, uma vez que o som, ou éco, ou lá o que foi, te deu a impressão de ter sido desferido das bandas de minha casa.

Engano, meu caro! Encontro-me são e escorreito. Rialmente tive conhecimento de que oladravaz buldogue se filou á porta do meu castelo e aí se conservou até de madrugada a uivar a sua fúria de carnívoro sanguinário e «faroze»; mas d' aia despertar do sono a que me tinha entregue, oh, meu caro estroina, nada ouvi ou presentí!

Dormia como um justo, e a consciência não déra rebate algum que me acusasse de ter cometido uma falta, atirando-me qualquer socollão que me fizesse acordar sobressaltado.

Não. Estava pôsto mais em socêgo que a linda Inês, e não me dei por perturbado em meus sonhos.

Para te falar com sinceridade: fôste tu a primeira pessôa que me avisou, devendo por isso a retribuição da minha amisáde sem mescla, amisáde que tu queres feita da mesma farinha, leveçada com a mesma massa.

E' distincção grande, bem o sei; mas como te deva a vida, ou pelo menos o aviso de que a parca me rondava as canelas, seja como tu queres! *ejusdem farinae*.

De resto, acho disparatada a atitude do gôso.

Ladrar, ou uivar, durante tempo infinito, para quê?

!¿ Buscaria algum ôsso que deixou cair no bueiro que fica defronte da porta do meu castelo, e sentir-se-ia atacada de bulimia?!

!¿ Seria rialmente o desejo de cravar-me os seus aguçados colmilhos, a causa daquêlê ferocissimo instinto?!

Fôsse porque fôsse: o caso deu-se, e tu, meu caro, no bico da pombinha de Anacraonte (que por sinal

chegou cá um pouco enfaruscada) mandaste-me o respectivo aviso.

Cá me fico em guarda. Dizer-te porque possa haver tal atitude, não sei. Nunca maltratei cão nenhum, e muito menos qualquer buldogue de dentes salientes e afiados.

Desconfiança?!... Sim, é verdade. Nem disso me lembrava! Deve ser desconfiança! O bicho julgou que fui eu quem o correu á pedra quando ali... já nem me recordo!... Sim, deve ser isso.

Tu és um zoólogo de mão cheia! Como fôste descobrir!? Se se tratasse de gente, propunha para substituíres o Custódio das Dors! E's um verdadeiro polícia! Bravo! Bravo!

Com que então, dizes quasi no final da tua carta, foi por me indicarem como «bandido»? O cão não é buldogue mas um cão-polícia?

—Eureka! Eureka! E' o caso do «chama-lh'o antes que tu chamem»...

—Ah! Ah! Ah!... Tem muita graça, que graça coceguenta! «Bandido»?!

!¿ Mas quem será maior bandido do que o açulador do cachorro que fugiu de Lisboa para não pagar os *tiros civis* que deunos seus patricios?!

!¿ Quem será mais bandido do que o «falsificador» da folha de vencimentos que não teve pejo em comprometer um seu amigo para auferir—o termo é dêle—dois ordenados?!

!¿ Quem será mais bandido do que o «caloteiro-môr» que pretende enganar o snr. ministro do Comércio (afim de se não descobrir que deve muito dinheiro, por culpa sua) e que está em riscos de dar com os ossos numa prisão?! O mesmo que temfeito uma vida de mistificação e intrugice?!

O protótipo do *escroc* que pretende fazer dos outros parvos quando é certo que é um nefelibata... arisco?!

Ai, Ananias, o quanto a vida é vária!

Conhece-lo?! O quê?! Tem mais coisas?! Falas num estendal de miséria?!

Sim... Sim... Percêbo perfeitamente.

—«Tiros»? «Denúncias»? «Bombas»?!

Ui, ui... tanta coisa...!

—O' da guarda! O' da guarda!

E suba êle terreiro, que na próxima carta te narrarei o que se houver passado.

Obrigado por tudo.

Um xi do

L. Coelho.

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

A salvação nacional pela acção escolar

VIII

Tudo tem a sua filosofia. A observação humana adquiriu grande intensidade consciente, a qual tornou o homem em torturado investigador da coordenação dos fenómenos que o impressionam.

Lê-se nas «Leis sociológicas de Greef:

—O espírito filosófico, máxima diferencial dêste animal consciente, que é o homem, criou abstracções inverificáveis suportadamente dominadoras do Universo, numa forma absoluta, livre e divina.

Ora o positivo é que o homem apenas tem verificado a existência da matéria, cuja qualidade transformadora inerente é a força.

E' muito discutível que o Universo exista conforme um plano preestabelecido: cremos que o Universo existiu sempre.

A invocada harmonia não passará da selecção natural.

Na dinâmica das coisas só fica o que é util, desaparecendo o que é inútil.

E' o critério transformado da luta pela vida e da evolução.

Vence sempre o melhor colocado nesta; e por isso a educação popular inclina-se para a criação de homens fortes e capazes de derrubarem os parasitas e os privilegiados.

A matéria é inconcebível sem a força ou o movimento como seu resultado.

Pela selecção e pela adaptação monológica o movimento continúo produziu novas formas.

Da diversidade atômica derivou a heterogeneidade dos seres, bem como o condicionalismo mesológico, todas as resultantes dinâmicas, a seqüência vital e a hereditariedade originaram a variedade morfológica.

Em todos os sêres da natureza a constituição elementar é quimicamente igual, divergindo apenas a sua dinâmica e composição.

A coesão e a afinida de apenas tomam novas formas nos sêres mais perfeito^s—vegetais e animais—para se manifestarem em vida a qual se torna mais manifesta ainda sôb as superiores formas de sensibilidade, raciocínio e socialidade.

O glorioso filósofo e pedagogista Spencer e outros seguiram minuciosa e sistematicamente a infinda cadeia evolucionista que chegou até ao homo sapiens, de Lineu.

Mas «esta evolução, que é um facto, se a considerarmos do mobilismo cósmico, deixa de ser verdadeira no entantó como lei progressiva absoluta» (Greef —Introdução á sociologia).

Evolução não é a mesma coisa que progresso.

O progresso corresponde a um critério humano de perfectibilidade.

Ora tanto no mundo astronómico, como no mundo físico e social, a matéria e a força, sempre em movimento constante, agem sôb tão complexas nuances de mobilismo, que ao espírito do observado mais perspicaz e atento escapa a perspectiva de conjunto.

O rigôr de abstracção e de generalização para chegar-se a uma síntese final ainda não foi possível.

Diz o Dr. Carneiro de Moura na «A evolução histórica», depois de estabelecer comparação

Uma adesão à República

Paulo Freire, o brilhante jornalista que soube sempre afirmar-se um espírito desempoeirado, com a nobre coragem de, nos momentos do maior perigo, dizer o que sentia e pensava, acaba de dar a sua adesão à República, numa notabilissima carta, dirigida ao snr. dr. Domingos Pereira e que por gentileza deste nosso querido amigo, somos os primeiros a publicar:

Segue a carta:

Ex.^{mo} Snr. Dr. Domingos Pereira, Querido e Prezadissimo Amigo:

Há horas na vida dos homens, como na vida dos povos, que são decisivas e únicas. Parece-me que todos nós atravessamos neste momento uma dessas horas, em que é preciso, com decisão e coragem, tomar cada um de nós as suas posições sem sofismas nem tibiezas. Vinte e dois anos de jornalismo parlamentar tinham-me tornado anti-parlamentarista, nem vale a pena finir as razões do caso por estarem ainda na memória viva dos homens que lá passaram. Hoje as circunstâncias accidentais da vida política portuguesa transformaram-me, por lógica defesa, no mais acérrimo partidário do parlamentarismo constitucional. Mas eu ficaria de mal com a minha consciência e não cumpria, neste momento, o meu dever de cidadão e de patriota, se lhe dissesse, meu caro Dr. Domingos Pereira, pela amizade que lhe tenho e pela consideração que ha muito lhe consagro, que o meu afastamento da vida política, que mantenho intrasigentemente desde 1913, terminou. Penso, e costumo pensar sempre desassombradamente alto, que não ha o direito, na hora que passa, de se não ser politico em Portugal.

Cada um de nós—os do grande partido do Isolamento—tem que optar pela direita ou pela esquerda. E por que eu não devo náda a nenhum regimen, a nenhuma politica, e a nenhum politico, assumo sempre a responsabilidade dos meus actos dos meus gestos e das minhas palavras, aqui lh'o declaro, com a mesma serena honestidade com que tenho feito toda a minha vida de simples jornalista:—opto pela esquerda.

Faça meu carissimo amigo, o uso que entender desta carta e deixe-me que eu, que tantas vezes o abracei como amigo, o abrace hoje como seu correligionário, não de partido, mas de Regimen. Viva a República.

Todo seu Am.o Att.o Ded.o

(o) JOÃO PAULO FREIRE.

Lisbôa, 7-11-929.

Do «Correio do Minho» n.º 1035

com o que se passa em meteorologia:

São tão variados os elementos que influem na marcha geral da vida dos povos, que é impossivel fixar a lei histórica que dê a fórmula da previsão íntegra da evolução social.

Prof. J. F. B.

24/11/929. Continúa.

O NATAL CEIA DOS POBRES

Uma Comissão de vimaranenses a que preside o snr. Henrique de Sousa Correia Gomes, tenciona levar a efeito a celebração da *Ceia aos Pobres*, no Albergue de S. Crispim, à semelhança dos anos anteriores, no próximo dia do Natal. E' uma determinação da caridade, tradicional e simpática á nossa terra, que merece a atenção de todos aqueles que podem dispor dum óbulo para que nesse dia de festa não falte o pão na mesa do pobre.

Qualquer donativo pode ser entregue na Barbearia do snr. Simão Costa, á rua 31 de Janeiro.

NOTICIAS ESCOLARES

Foi colocada em comissão na Escola Central Masculina desta cidade a Ex.^{ma} senhora professora de Santa Eufémia de Prazius, por virtude de o edificio escolar desta localidade ameaçar ruína.

Ficou a prestar serviço na 1.^a classe.

Consta-nos que S. Ex.^a o Ex.^{mo} Inspector-Chefe da Região Escolar de Braga já instou com o Snr. Director da Escola Central Masculina no sentido de informar aquela Inspecção do número de alunos matriculados na 2.^a classe, tomando a iniciativa de propôr o desdobraimento desta classe conjuntamente com o da 1.^a proposto pelo Director. Bem haja S. Ex.^a pelo zelo demonstrado a favor do aproveitamento das crianças.

Na Sociedade Martins Sarmento realiza-se hoje a distribuição de prémios aos alunos das escolas primárias do concelho que não foi feita no dia costumado em virtude do falecimento da benemérita senhora que foi a delicada esposa de Martins Sarmento.

Nessa sessão será entregue ao aluno mais aplicado da 4.^a classe no ano lectivo que terminou em Junho do ano corrente e que foi instituido pelo professor da mesma Classe Jernóimo Ferreira Botelho.

No dia 26 regressou ao serviço da Escola Central Masculina o professor Jerónimo Ferreira Botelho.

Está sendo dado conhecimento aos professores primários officiaes da Região Escolar de Braga da qualificação e liquidacão do seu serviço até ao fim do ano lectivo de 928-929.

Sua Ex.^a o Ex.^{mo} Sr. Inspector Chefe, no seu officio que acompanha o mapa, dá a conhecer os elementos em que se firmou o concelho de Inspecção para decidir-se em tão melindroso assunto.

Convictos estamos de que só em casos muito exepcionais seria induzido em êrro.

Cadela coelheira

Desapareceu, uma de cor preta e que dá pelo mesmo nome, nas proximidades da freguesia de Santa Cristina de Longos. Procede-se contra quem a retiver e gratifica-se quem indicar o seu paradeiro no Club de Caçadores de Guimarães.

Para os amadores de T. S. F. e Gramofones

Se quereis ouvir bons concêrto, adquiri os produtos

PHILIPS

Melhorai a intensidade e a qualidade da vossa recepção, empregando os aparelhos "PHILIPS"

A "PHILIPS" apresenta o novo aparelho ANODON (modelo 3003),

que substitue as pilhas sêcas. Os seus ALTO-FALANTES

são os melhores, assim como todos os produtos da "PHILIPS"

EM GUIMARÃES INFORMA:

Bernardino Jordão, F.^{os} & C.